



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

João Victor Lopes Vaz

**O LIVRO NO PERÍODO RENASCENTISTA: UM BREVE ESTUDO ACERCA
DO APARECIMENTO DA PRENSA MÓVEL NA EUROPA E SUAS
PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS**

Brasília-DF

2023



FACULDADE DE **CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Orientador: Greyciane Souza Lins

Brasília

2023

João Victor Lopes Vaz

**O LIVRO NO PERÍODO RENASCENTISTA: UM BREVE ESTUDO ACERCA DO
APARECIMENTO DA PRENSA MÓVEL NA EUROPA E SUAS PRINCIPAIS
INFLUÊNCIAS**

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília

Ficha Catalográfica

V3931

VAZ, João Victor Lopes

O Livro no período Renascentista: um breve estudo acerca do aparecimento da prensa móvel na Europa e suas principais influências/ João Victor Lopes Vaz;

Orientador Greyciane Souza Lins - Brasília, 2023.

50 p.

Monografia (Graduação - Biblioteconomia) - Universidade de Brasília, 2023.

1. História do livro. 2. Renascimento. 3. Europa. I. Lins, Greyciane Souza, orient. II.

Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: O livro no Renascimento: um breve estudo acerca do aparecimento da prensa móvel na Europa e suas principais influências

Autor(a): João Victor Lopes Vaz

Monografia apresentada em **17 de julho de 2023** à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a) (FCI/UnB): Dra. Greyciane Souza Lins

Membro Interno (FCI/UnB): Dra. Deborah Silva Santos

Membro Externo (Local): Ma. Daniele Lessa Soares



Documento assinado eletronicamente por **Greyciane Souza Lins, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 07/08/2023, às 21:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Deborah Silva Santos, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 09/08/2023, às 09:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Daniele Lessa Soares, Usuário Externo**, em 10/08/2023, às 09:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **10115804** e o código CRC **7F63FC74**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, minha gratidão a Deus, pois sem Ele eu não estaria aqui. Agradeço-O por ter dado-me forças para concluir essa etapa da minha vida e por ter colocado ao meu lado verdadeiros companheiros que me apoiaram em momentos em que pensei que não seria mais possível continuar. Em seguida, agradeço a minha esposa, que me motiva a ser melhor e auxilia-me em tudo que preciso nesta jornada. Também agradeço aos meus pais por terem dado-me palavras de sabedoria e motivação sempre que precisei e fizeram todo o possível para que eu pudesse ingressar em uma universidade e ir atrás do meu sonho. Aos meus irmãos, que, mesmo sendo crianças, foram verdadeiros amigos e sempre que precisei souberam apoiar-me com muito amor e carinho. E a minha orientadora, que acreditou na minha pesquisa, auxiliou-me durante esta caminhada, direcionando-me para onde deveria ir, com muita calma e sabedoria.

“Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de formar grandes sofrimentos e também de remediá-los.”

(Alvo Dumbledore)

RESUMO

Este trabalho aborda fatores responsáveis para o surgimento da imprensa e como o movimento renascentista beneficiou-se desse invento para a propagação de seus ideais. Dessa forma, foi realizada uma pesquisa histórica, de cunho descritivo, sobre a história do livro e seu papel entre o século XIV e XVII. Para isso foi necessário fazer um levantamento bibliográfico sobre o tema em bases de dados como Proquest, além do catálogo online das bibliotecas da UnB, UFRJ e UFC. Assim, conclui-se que o livro, em especial, em sua versão impressa, surge neste período não apenas como um implemento a margens de lucro, notadamente cumprindo a relevante função de anteparo à propagação de conhecimento e cultura, bem como a de ser verdadeiramente instrumento de transformação social.

Palavras-chave: Renascimento; História do livro; Imprensa.

ABSTRACT

This work addresses the responsible factors for the emergence of the press and how the Renaissance movement benefited from this invention for the spread of its ideals. In this manner, a historical research was conducted, of a descriptive nature, about the history of the book and its role between the 14th and 17th centuries. To accomplish this, a bibliographic survey on the topic was necessary, using databases like ProQuest, in addition to the online catalogs of the libraries of UnB, UFRJ, and UFC. Thus, it is concluded that the book, especially in its printed version, emerges during this period not only as a profit-margin implement, notably fulfilling the significant role of a barrier to the propagation of knowledge and culture, but also as a truly transformative social instrument.

Keywords: Renaissance; History of the book; Press.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Classes do Renascimento	18
Figura 2 - Codex	27
Figura 3 - Localização de Fabriano	29
Figura 4 - Prensa de caracteres móveis	32
Figura 5 - Cidades Européias com prensas móveis em 1460	36
Figura 6 - Cidades Européias com prensas móveis em 1500	36
Figura 7 - Robert Darnton, o circuito de comunicação, 1982	39
Figura 8 - Biblioteca Bodleiana de Oxford	45
Figura 9 - Biblioteca do Vaticano	45

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Objetivos	14
1.2 Justificativa	14
2. METODOLOGIA DE PESQUISA	15
3. BREVE HISTÓRICO DO RENASCIMENTO	16
3.1 Renascimento	16
3.1.1 Renascimento nas classes sociais	17
3.1.2 Renascimento na religião	19
3.1.3 Renascimento científico	21
3.1.4 Renascimento político	23
3.1.5 Renascimento cultural	25
4. O LIVRO ANTES DA IMPRESSÃO	27
4.1 A expansão do papel na Europa	28
4.2 O mercado papelheiro europeu	30
5. A CRIAÇÃO DA PRENSA DE CARACTERES MÓVEIS	31
5.1 Funcionamento da prensa de caracteres móveis	33
5.2 Reflexos da Imprensa na Europa	33
6. O LIVRO NO PERÍODO RENASCENTISTA	38
6.1 Os livreiros e a fabricação do livro	39
6.2 Mercado de livros na Europa	41
6.2.1 O livro na Igreja	42
6.2.2 O livro nas universidades	43
7. CONCLUSÃO	47
8. BIBLIOGRAFIA	49

1 INTRODUÇÃO

A palavra escrita, como importante e eficiente meio de propagação do conhecimento, remonta à Antiguidade. Através desse conjunto de símbolos, diversos fatos históricos e informações culturais puderam ser transmitidos, não sendo levados ao esquecimento.

O modelo de livro atual, como comumente é encontrado, teve sua origem no século XV, porém, mesmo antes disso, já haviam sido apresentados diversos modelos para a fixação da palavra escrita. No Egito Antigo, por exemplo, é apresentado o papiro, cuja criação remonta o longínquo período de 3.000 a.C. No século X a.C, tem-se o surgimento do pergaminho que, em relação ao predecessor papiro, demonstrou qualidade e resistência superiores, o que facilitou a organização de obras e armazenamento de textos, até mesmo em momentos mais recentes da história, por parte da Igreja Católica. Com efeito, dadas as profícuas características do suporte e a contribuição dessa instituição, grande parte das obras antigas foram preservadas. De todo modo, é importante ressaltar que a leitura não por isso tornou-se algo acessível às massas, mas reservada aos membros mais abastados da sociedade, como nobres e, posteriormente, membros da ascendente classe burguesa, e, obviamente, ao clero, ou seja, ainda um privilégio para poucos. Segundo Santos (2012, p. 11), citando Verger (1999, p. 112), o livro custava caro, o que se deve principalmente ao elevado preço, em si, do pergaminho.

No século XIV teve início o Renascimento na Itália, movimento que logo estendeu-se por toda a Europa. Com características políticas, econômicas e culturais marcantes, introduziu valores e questões que inevitavelmente perpetuar-se-iam em correntes de pensamento subsequentes.

Durante o período renascentista, podemos observar um aumento exponencial do número de obras disponíveis, o que se deve basicamente ao surgimento da primeira prensa móvel. Com a invenção, tanto o custo de fabricação de cada livro, quanto o tempo para sua produção, caem drasticamente em comparação com o método manual de feitura, marcadamente atrelado a um processo mais longo e, por isso, mais dispendioso, aumentando o custo final para aquisição de uma obra.

No primeiro livro impresso, a Bíblia, com suas 641 páginas, em meticuloso trabalho em um período de 5 anos, foi utilizada técnica que será carreadora de uma revolução cultural, tornando-se a base para muitas editoras daí por diante. Com

esse impulso, o Renascimento tornou-se um forte movimento intelectual, uma vez que estava nascendo uma nova forma de propagar informação em uma maior escala, que é o livro.

Considerando a relevância do tema e as informações contidas na literatura, o presente trabalho explora o seguinte problema: quais as características sociais, econômicas, religiosas e culturais o livro apresenta durante o Renascimento?

1.1 OBJETIVOS

Objetivo Geral

Estudar o nascimento da imprensa na Europa e sua relação com o aumento da propagação de informação durante o Renascimento.

Objetivo Específico

- Compreender a disseminação do livro após o desenvolvimento das prensas móveis.
- Compreender melhor o contexto histórico em que essas obras estão inseridas.
- Compreender os impactos do livro impresso na Europa.

1.2 JUSTIFICATIVA

Entender o funcionamento e a história do livro é de suma importância para que possamos expandir nossa visão e gerar um posicionamento mais amplo em virtude de seu papel na sociedade em que está inserido. Bem como, em sua função como auxiliar na propagação de conhecimento e cultura. Em virtude disso, torna-se cada vez mais necessário o aprofundamento no tema, uma vez que é através do livro que adquirimos conhecimento acerca de nossa cultura e de outras.

Verificando a relevância do tema, o presente estudo tem como finalidade demonstrar, através de pesquisas e levantamento de informações acerca da

propagação literária naquela época, como o uso do livro aplicava-se na sociedade no período estipulado e como o mesmo contribui para a preservação do conhecimento e da memória daquela sociedade.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Realizou-se uma pesquisa histórica, de cunho descritivo, sobre a história do livro e seu papel entre o século XIV e XVII.

Para tanto, compreenderam-se as seguintes etapas:

- Na primeira etapa da pesquisa, foi efetuado levantamento bibliográfico junto à literatura especializada, onde foi realizada busca em bases de dados e em bibliotecas para otimizar o levantamento dos livros e artigos de outros pesquisadores sobre o assunto. Para a busca, foram utilizados os termos: livros, renascimento, história, biblioteca e história do livro.
- Foram usados catálogos online das bibliotecas da UNB, UFRJ e UFC para pesquisas, as bases de dados Proquest, sites da internet localizados através do mecanismo de busca Google.
- A partir do resultado das buscas, iniciou-se a localização das fontes e obtenção de material físico e digital. Para isso, foi realizada a visita à biblioteca da BCE para a localização de livros e artigos impressos e, através das respectivas leitura, identificados os dados relevantes em torno da pesquisa. Os sites consultados através da internet foram salvos no computador e os respectivos arquivos eletrônicos salvos para consultas futuras.
- A última parte da metodologia de pesquisa consistiu em estudo e análise das fontes adquiridas, transcrição dos dados e a redação do trabalho. Durante a pesquisa bibliográfica, a análise dos documentos serviu para identificar as informações e dados do material, de modo que torna-se necessário gerar a relação entre os dados colhidos e a problemática do texto.

3 BREVE HISTÓRICO DO RENASCIMENTO

Antes de entrarmos propriamente no conceito do livro, faz-se necessário um breve estudo do período em que ele está inserido e as etapas que antecederam seu surgimento. O conhecimento sobre as características apresentadas pelo Renascimento é de suma importância para entendermos quais as motivações geradas em seus criadores e para representarmos detalhadamente o seu processo de criação.

3.1 RENASCIMENTO

O Renascimento aconteceu no século XIV, durante a mudança da Idade Média para a Era Moderna, até o início do século XVII, tendo como marco inicial o momento em que ocorreu um aumento na comercialização de seus produtos, enfraquecendo o sistema feudal. O termo Renascimento tinha como ideal o retorno às fontes de beleza e saber da Antiguidade, porém, segundo Byington (2009), mesmo focado no passado, o movimento não era nostálgico, pois continha um acentuado sentimento de superioridade em relação aos séculos anteriores, seguidas de uma atitude substancial otimista diante do presente e do futuro. Por conta disso, abriu-se portas para que pessoas a ter contatos com culturas diferentes, de períodos de tempos diferentes, porém sem limitações e imitações, apenas gerando uma nova visão. Em relação a sociedade renascentista, Godinho afirmava que

“A sociedade renascentista apresentava novas relações sociais em seu cotidiano, um novo comportamento no trabalho, na diversão, no tipo de moradia, nos encontros nas ruas. Essa mudança demonstra que o Renascimento representou uma nova concepção de vida e não apenas um movimento de alguns artistas, embora tenha sido exaltado e difundido nas obras de arte. Tal concepção de vida, não era totalmente nova, apesar de revolucionária, uma vez que se caracterizou por um renovado interesse pelo passado gregoromano clássico.” (GODINHO, 2012, p.01)

O primeiro país a desenvolver essas características foi a Itália, onde tivemos os dogmas da Igreja sendo contestados pelo pensamento lógico e o desaparecimento da comuna municipal italiana, fato esse que permitiu que os

direitos de todos pudessem ser defendidos de forma igualitária e não apenas do senhor responsável pela comuna. Segundo Barreto (1983, p. 14), podemos dividir esse período em duas fases: fase da consciência e fase historiográfica.

O autor caracteriza a fase da consciência como:

“Corresponde à criação duma ideia global sobre a idade que se vive e as outras que passaram na formação da consciência ocidental, período que decorre entre os finais do século XVI.”

E a fase historiográfica como:

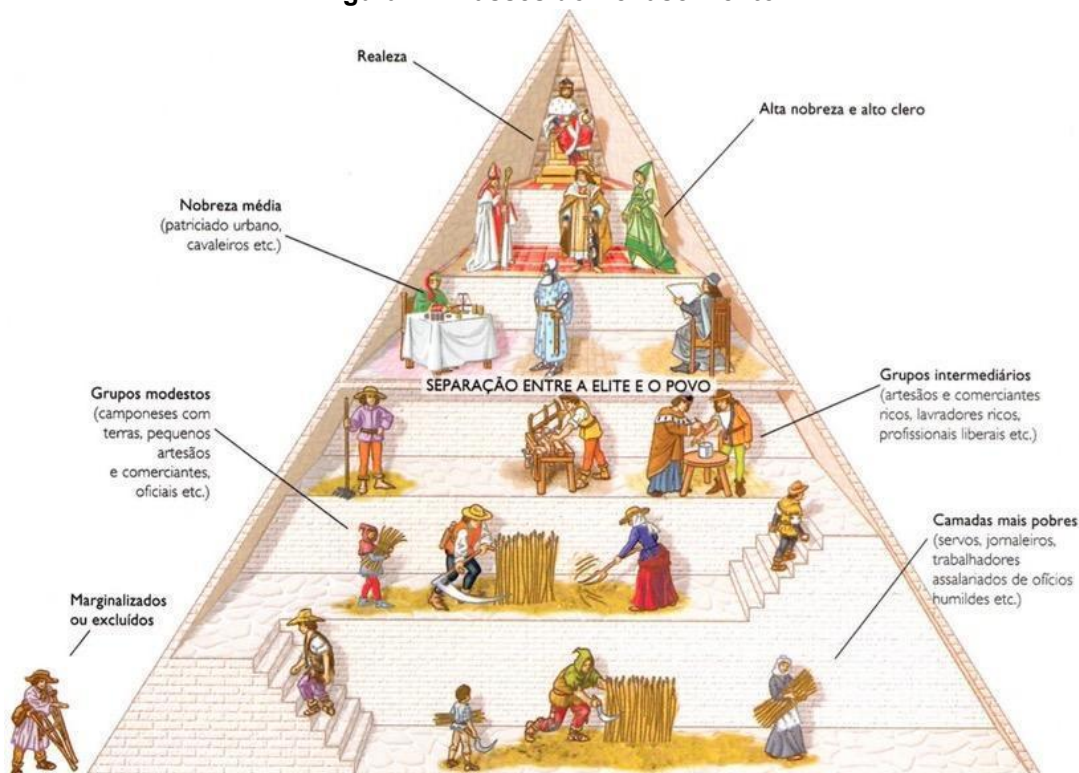
“Corresponde à passagem duma ideia de consciência existencial para o campo do saber erudito e historiográfico tornando-se aí conceito operatório definidor dum determinado clima epocal. Esta segunda vida inicia-se nos finais do século XVII e vem até aos nossos dias.”

O período renascentista conseguiu ser um dos mais notáveis da história, de modo que Reclus (2009, p.111) aponta que é através desse movimento que surgem sociedades que se medem pelas suas individualidades, de maneira consciente. Os ideais desse período rapidamente foram incorporados em outras regiões, aumentando significativamente o tamanho desse movimento, de modo que gerou uma mudança na forma que enxergamos e analisamos as coisas e na estrutura do que estávamos familiarizados como sociedade, uma vez que todas as áreas foram afetadas, como: classes sociais, religião, ciência, política e arte.

3.1.1 RENASCIMENTO NAS CLASSES SOCIAIS

A estrutura social durante a história antiga, até o Renascimento, mantinha um padrão altamente classificado e hierárquico, onde a pirâmide social da época era dividida em três principais estratos sociais: a aristocracia, o clero e a plebe.

Figura 1 - Classes do Renascimento



Fonte: <https://maestrovirtuale.com/quais-eram-as-classes-sociais-do-renascimento/>

No alto da pirâmide encontra-se o clero. Essa classe era formada por membros da igreja, que incluíam sacerdotes, bispos e cardeais. Essa classe social tinha como característica sua enorme influência política e religiosa, bem como, tinha como função, ser responsável por manter a ordem espiritual e moral da sociedade.

A aristocracia tinha como características pessoas que possuíam maior riqueza e autoridade, sendo em sua grande maioria proprietários de terras. Através de suas influências, vieram a adquirir funções de maior prestígio na sociedade, como comandar tropas militares em períodos de conflito, supervisionar o comércio e as finanças oriundas das transações comerciais.

Por último, na base da pirâmide encontrava-se a plebe. Essa classe era formada por artífices, comerciantes e lavradores. Como característica, tinham uma pequena ou nenhuma influência política, além de serem responsáveis por fornecerem mão de obra e recursos para os integrantes das outras classes.

No entanto, com o surgimento de novas ideias sobre a igualdade e a liberdade individual, essa estrutura social começou a ser questionada durante o Renascimento. Com o aumento dos estudos na ciência e na razão, obtivemos como resultado avanços notáveis em algumas da época como na medicina, arquitetura e

navegação, de modo que, seus resultados beneficiam a aristocracia e a burguesia. Vale ressaltar que os benefícios obtidos não foram exclusivos dessas classes mais ricas, pois a igualdade social e os direitos humanos eram valores defendidos por movimentos populares e camponeses, embora o Renascimento também gerou prejuízos para classes menos favorecidas, pois os mesmos não obtiveram as mesmas oportunidades de acesso às mudanças, além de ainda conviverem com a exploração da aristocracia.

Em suma, o Renascimento foi um período de transformações profundas na Europa, gerando impactos significativos em todas as classes sociais. Através de sua busca por igualdade e justiça, os movimentos populares e camponeses foram influenciados a lutar e buscar condições melhores.

3.1.2 RENASCIMENTO NA RELIGIÃO

As ideias defendidas no Renascimento, gerou uma transformação de pensamento na religião da Europa, pois os estudiosos, ao apresentarem seus ideais demonstraram que a religião não era uma rota exclusiva para a salvação, gerando dessa forma, debates de estudiosos humanistas e cientistas da época sobre os dogmas defendidos pela Igreja. Segundo Ernst Cassirer, filósofo, o Renascimento foi uma época em que "a razão se liberta do dogmatismo religioso", e a indagação acerca da natureza de Deus, a existência do inferno e outras doutrinas religiosas começou a surgir.

No contexto de críticas em face da Igreja e sob as fagulhas do embate entre a Igreja e o Estado Monárquico, se ergue na Europa do século XVI, capitaneada por Martinho Lutero, a Reforma Protestante.

Porém, antes do movimento ter sua devida proporção alcançado por Lutero, a Europa já vivia marcada por movimentos de protestos contra os ensinamentos da Igreja, tendo como um de seus líderes John Wycliff (1325-1384). Segundo Santos

“Wycliff denunciou as irregularidades praticadas pelo clero, como as relíquias, as peregrinações, veneração dos santos, purgatório e as indulgências. Tinha a Bíblia como norma de fé e prática e defendia que cada pessoa tinha o direito de ler e interpretá-la individualmente, ponto este que foi explorado posteriormente por Martinho Lutero.” (SANTOS, 2012, p. 33)

Através de suas ações, Wycliff serviu como influência para a propagação de seus ideais, resultando em outros estudiosos pré-reformadores e uma dessas figuras era John Hus (1372 -1415). Segundo Santos (2012, p. 34), Hus, inspirado por Wycliff, insistia na autoridade suprema das Escrituras, além de afirmar que Cristo e não o Papa era o cabeça da Igreja, resultando em sua sentença de morte sendo condenado à fogueira por conta de seus ensinamentos contrários aos de Roma.

Esses estudiosos vieram a ser inspirações intelectuais para o movimento defendido por Lutero, que teria início no dia 31 de Outubro de 1517. Por meio de 95 teses, o estudioso iniciou suas críticas à Igreja. Partindo da ação de traduzir a Bíblia, o movimento ganha força com o objetivo maior de reformar a Igreja. O autor, Santos (2012, p. 12), citando Elizabeth L. Eisenstein (1998, p. 167), afirma que entre 1517 e 1520, as publicações de Lutero venderam com toda certeza mais de 300 mil exemplares.

Outro ponto defendido pela Reforma Protestante, era o investimento na educação. Sobre este aspecto Santos (2012, p.36) acrescenta:

“Uma das principais convicções dos reformadores era a necessidade da educação do povo de uma forma geral. Eles acreditavam que a alfabetização dos leigos e uma educação mais significativa para o clero seriam fatores que contribuíram para a evangelização dos povos. Por isso, não mediram esforços para ver concretizado estes propósitos.”

A Reforma de Lutero em 1517 teve ramificações profundas na Europa do século XVI, contribuindo para a divisão do cristianismo em diferentes correntes.

Em síntese, o Renascimento teve um impacto considerável na religião, ao questionar as tradições e a autoridade da Igreja Católica, e ao gerar correntes religiosas alternativas. Ademais, o pensamento renascentista foi fundamental para o surgimento da secularização, que se solidificou nos séculos vindouros e ainda influencia a vida religiosa e a sociedade.

3.1.3 RENASCIMENTO CIENTÍFICO

Os pensamentos gerados fizeram com que ocorresse uma revolução no pensamento científico europeu, resultando em importantes avanços em estudos em áreas como medicina, astronomia, matemática e física. Segundo Godinho (2012, p. 3), o renascimento modificou as idéias e as expectativas do homem em relação à vida, ou seja, através da adoção do método científico, ocorre uma revolução do pensamento do homem, surgindo uma visão renascentista e moderna. Ainda com Godinho, acerca dessa revolução do pensamento, tem-se que

“A grande revolução do pensamento, que possibilitou o surgimento da visão renascentista da natureza, foi o rompimento da visão geocêntrica do cosmos, construída desde a Antiguidade Clássica por Ptolomeu e pela Bíblia, que havia sido dogma por mais de mil anos. Tal concepção considerava o cosmos como um todo ordenado e perfeito, instituído e regido pelas forças divinas. Era uma totalidade fechada e estática.” (GODINHO, 2012, p. 03)

Anteriormente, a ciência a ciência era baseada na observação e argumentação lógica, porém com a inserção do método científico é introduzida a experimentação e a verificação empírica, onde as hipóteses devem ser testadas por meio de experiências e observações controladas, o que gera como consequência esse rompimento citado pela autora em torno da visão construída na Antiguidade Clássica. De todo modo, vale o destaque de que, embora haja essa dicotomia entre os pensamentos e métodos, o Renascimento não marcou uma ruptura inconciliável entre ciência e religião, pelo contrário, durante a Renascença, ciência e religião caminharam lado a lado (Damião, 2018, p. 23).

Considerados importantes defensores do método científico, Francis Bacon e Galileu Galilei tiveram seus estudos como referência em torno da valorização da observação empírica, a experimentação e a formulação de teorias pautadas em evidências concretas. E segundo Damião (2018, p. 26), ambos deram à ciência uma finalidade distinta daquela atribuída à filosofia e à teologia, dotando a epistemologia moderna de uma crença absoluta no método.

Francis Bacon tem como características em seus estudos, a inserção do problema do método próprio das ciências experimentais, do seu objeto e de sua finalidade (Damião, 2018, p. 26), ou seja, através de seus estudos acerca do

método, Bacon teve uma importante participação na formação da mentalidade pragmatista da ciência moderna.

O cientista italiano Galileu Galilei foi um dos maiores expoentes do Renascimento na ciência. Ele é considerado o pai da física moderna e suas descobertas sobre o movimento dos corpos celestes e a lei da gravidade foram fundamentais para a evolução da astronomia e da física. Galileu também foi um dos primeiros cientistas a utilizar o telescópio, o que permitiu a observação do universo em detalhes nunca antes vistos. Além disso, segundo Damião

“Galileu definiu com clareza a distinção necessária entre filosofia, teologia e ciência, a partir do objeto concernente a cada uma delas: a filosofia diz respeito às verdades ontológicas, a teologia, às verdades religiosas e a ciência, às verdades naturais (as leis que regem os fenômenos da natureza). Portanto, a ciência não pode contaminar-se nem pelo pensamento religioso, nem pelo teológico e, tampouco, podem os cientistas invocarem as máximas filosóficas ou apelar para os exemplos bíblicos para justificarem suas investigações. Nada há de mais vexatório para o cientista do que recorrer a trabalhos de outras áreas e de outras épocas para justificar seus experimentos atuais.” (DAMIÃO, 2018, p. 31)

Galileu tinha como característica em sua metodologia, um aspecto mais investigativo da ciência, pois o caminho que resultaria em conhecimento verdadeiro seria alcançado através da observação dos fenômenos, fazendo com que defendesse que a Ciência não era ilimitada, pois dependia da experiência em que seria realizada para chegar ao resultado, e como consequência, segundo Damião (2018), para Galileu, a ciência não iria enganar seu observador, desde que o responsável pela o raciocínio não se distraia.

Com isso, nota-se que o Renascimento teve um impacto significativo na ciência, impulsionando a adoção do método científico e levando a avanços importantes em um exemplo dos cientistas que moldaram a ciência moderna e deixaram um legado duradouro para a humanidade.

3.1.4 RENASCIMENTO POLÍTICO

Através do aprofundamento do conhecimento, iniciou-se um aprofundamento nos estudos acerca da razão e da busca pela verdade, que gerou como consequência o humanismo, valorizando o ser humano e seu potencial educativo. Segundo Brotton (2006, p. 40), o humanismo renascentista tinha como objetivo pragmático fornecer uma estrutura para o avanço profissional, em particular para preparar os homens para o governo. Acerca da valorização do homem influenciada pelos humanistas, Weyne afirma:

“Assim como a concepção medieval de homem, pode-se observar que o humanismo renascentista influenciava-se tipicamente pela concepção bíblico-cristã de homem, segundo a qual este é uma criatura única em razão de haver sido criado à imagem e semelhança de Deus. (WEYNE, p. 219)

Sobre o crescimento e o sucesso dos ideais humanistas na Europa, Brotton afirma que

“O sucesso do humanismo reside em sua pretensão de oferecer duas coisas a seus seguidores. Primeiro, fomentou a crença de que o domínio dos clássicos o tornava uma pessoa melhor, mais “humanitária”, capaz de refletir sobre os problemas morais e éticos que o indivíduo enfrentava em relação ao seu mundo social. Em segundo lugar, convenceu estudantes e empregadores de que o estudo de textos clássicos fornecia as habilidades práticas necessárias para uma futura carreira como embaixador, advogado, padre ou secretário nas camadas da administração burocrática que começaram a surgir na Europa do século XV. O treinamento humanista em tradução, redação de cartas e oratória era visto como uma educação altamente comercializável para aqueles que desejavam entrar nas fileiras da elite social.” (BROTTON, 2006, p. 40, tradução nossa).

Com o aumento do pensamento humanista na Europa, nota-se um nascimento de pensamentos, onde há a mesclagem entre o conceito de Deus e o de homem, e onde o homem encaixa-se através disso. Segundo Weyne (2013, p. 220), citando as ideias de Luiz Feracine (2005, p. 22), o homem apenas assume um posto de liderança em relação ao seu destino de recriador da matéria e do mundo, ou seja, através desses estudos, não ocorre um rompimento com a religião, mas sim uma exaltação do papel que o homem deve exercer na sociedade como líder, onde segundo o autor é um papel estabelecido por Deus.

Diante disso, ocorreu o surgimento de novas formas de pensamento político que iam de encontro com o feudalismo e com o pensamento teológico que eram predominantes na Europa medieval, uma vez que o humanismo tinha por objetivo o resgate das características da Roma Antiga, visando valorizar a liberdade, razão e a dignidade humana.

Através da junção dos estudos e reinterpretação dos escritos antigos de Aristóteles, Platão e Cícero, foi gerada uma nova compreensão da política e seus fundamentos. Os princípios resultantes desse movimento vieram a influenciar importantes pensadores políticos que contribuíram para a construção de novas formas de governo e de organização social.

Durante esse período, dois autores obtiveram destaque para a política moderna: Maquiavel e John Locke. Considerado por muitos “Pai do pensamento político”, Maquiavel defendia a ideia de que o Estado deveria ser centralizado e ter um governo forte. Segundo Bignotto (2003), durante os estudos acerca de Maquiavel, os termos os quais suas questões são enunciadas respeitam integralmente a tradição. Além disso, seus ideais são pautados na razão e capacidade de realizar ações sem ter que se submeter a outros tipos de moralidade e ética. Segundo os ideais de Maquiavel, Bignotto (2003) afirma que o governante teria êxito se conseguisse viver de acordo com as regras defendidas pela ética cristã, ou seja, o bom governante era o governante ético por excelência.

Entretanto, John Locke, defendendo a limitação do governo, de modo a efetivamente garantir a liberdade e a propriedade dos cidadãos, assume postura diametralmente oposta àquela pugnada por Maquiavel, posicionando-se de forma contrária a tiranias, mas favorável a que o governo assegure justiça e liberdade a todos, isso sob a égide do liberalismo político. Segundo Vilela,

“Para que se possa compreender a origem do poder político e do Estado liberal, sua função e objetivos, é preciso partir da condição natural em que se encontrava a humanidade originariamente, isto é, considerar o estado de natureza lockeano.” (VILELA, 2016, p. 03)

Com base na tese defendida por John Locke acerca da sociedade e da política exercida por ela, o autor também afirma que

“A sociedade civil (ou política), sendo a superação do estado de natureza, é instituída unicamente para que os homens vejam seus direitos ainda mais protegidos e assegurados. Em suma, o Estado teorizado por Locke é aquele que atende unicamente aos interesses da classe burguesa, interesses esses que encontravam no Antigo Regime (no caso da Inglaterra, o absolutismo monárquico) um grande obstáculo. O pensamento político de Locke era o argumento de que a burguesia precisava para lutar contra o absolutismo e ganhar força política; no entanto, Locke o formulou ex post facto à Revolução Gloriosa.” (VILELA, 2016, p. 07)

Com todas essas contribuições, o Renascimento teve um impacto profundo na política moderna, influenciando importantes revoluções políticas, como a Revolução Francesa e a Revolução Americana. Além disso, seus ideais de liberdade e humanismo continuam inspirando movimentos políticos e sociais em todo o mundo até os dias de hoje.

3.1.5 RENASCIMENTO CULTURAL

Considerado um movimento cultural, o Renascimento permitiu o surgimento de um novo enfoque sobre a arte, gerando um grande impacto na forma como a produção artística ocorreu a partir do século XIV.

Durante este período, o ocidente pôde acompanhar o nascimento de um conjunto de ideias e obras monumentais advindas de várias outras formas de manifestação artística, influenciando as gerações seguintes. Segundo Godinho (2012, p. 04), os artistas do renascimento deram aos seus trabalhos equilíbrio e elegância, procurando, juntamente com os temas religiosos, explorar a mitologia e as cenas do cotidiano, ou seja, esse período teve como característica a expansão e a busca de compreensão do funcionamento e das formas da natureza, desprendendo-se da arte clássica, embora a mesma ainda fosse presente, certamente, não com o foco que antes continha.

Além disso, durante o período iniciou-se o uso de novas técnicas e materiais dos autores em seus trabalhos, gerando um destaque nos demais. Conforme citado por Godinho,

“A arte renascentista era proporcional e baseada em figuras matemáticas, como a esfera, o cubo, o triângulo e a pirâmide. A perfeição geométrica e a

beleza artística andavam juntas e atuavam em perfeita harmonia. "GODINHO, 2012, p. 04)

Com isso, aumentou o uso da geometria, o domínio de novas técnicas de pintura, o uso de novos óleos e telas como suporte durante suas pinturas, resultando no surgimento de novos artistas e novas correntes artísticas, que vieram gerar novas interpretações acerca do sentido de mundo e sociedade, fazendo com que a arte tenha um papel social em meio ao ambiente em que inserida, e não apenas decorativo, pois agora a mesma tinha em suas obras a possibilidade de fazer críticas sociais, políticas e religiosas, refletindo com os ideais pregados pelo Renascimento, ao ir com a quebra de paradigmas estabelecidos anteriormente por séculos, ou seja, a arte passou a refletir valores e ideais de uma sociedade em transformação. Para enfatizar o papel das artes em transmitir pensamentos no período renascentista, Godinho cita Lenoble:

"[...] vários pintores italianos como Leonardo Da Vinci, Rafael e Michelangelo mostram na maioria de suas obras temas religiosos. Entretanto colocam a expressão nos rostos, que possuem aparência humana e sugerem aos corpos uma graça carnal que nada reflete da graça divina. A luz não vem do alto, mas das invenções humanas, do jogo das sombras, da profundidade produzida pela perspectiva que surge nessa época, dos sorrisos emocionados pela beleza das coisas e não arrebatados pelo êxtase." (LENOBLE, apud Godinho, 2012, p. 05)

Por conta disso, nota-se que os artistas da época buscavam um distanciamento dos dogmas da Igreja, muito em virtude das visões humanistas defendidas à época, resultando no surgimento de diversas obras com críticas em seus ideais, como era o caso das pinturas, literatura e teatro. Um exemplo apresentado por Godinho (2012, p. 05), é que durante a peça *A Mandrágora*, de Nicolau Maquiavel, o autor buscou a todo custo explicar as contradições de sua sociedade, não utilizando um apelo transcendental, mas sim com explicações científicas reais, ou seja, autores conhecidos da época buscavam novas formas de explicar o comportamento humano, fugindo do divino, defendido pela Igreja.

Por isso, é possível afirmar que o Renascimento veio a introduzir grandes mudanças que serviram de molde para a arte ocidental. Além disso, pode-se notar que inúmeras manifestações artísticas (Modernismo e arte contemporânea) que

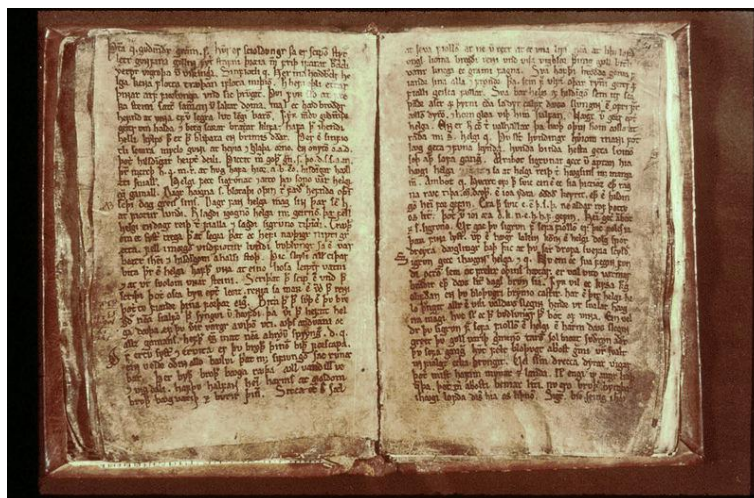
vieram posteriormente contêm influências desse período, além disso, o mesmo alterou a forma de produzir e apreciar a arte, gerando nos olhos do observador um pensamento crítico acerca daquilo que estão vendo.

4 O LIVRO ANTES DA IMPRESSÃO

Ao pensarmos na propagação literária no Renascimento, antes precisamos analisar o fator determinante para o surgimento dos livros impressos na Europa no século XV. Anteriormente, os livros em sua maioria eram feitos a partir do pergaminho, que surgiu como um substituto ao papiro. Segundo Gracia (2016, p. 49), o suporte é obtido através do couro do carneiro, vitelo de ovelhas e bezerras, que uma vez limpa, são raspadas, prensadas e secas ao Sol, onde resultava em uma superfície apta receber a escritas em ambos os lados, além disso, a mesma era mais resistente que o papiro, porém, sua confecção era demorada e cara

Ao realizar a confecção das páginas, os livros eram escritos manualmente, suas páginas, ao secar, eram prensadas, agrupadas e confeccionadas (amarradas por uma linha, acompanhadas por uma capa dura para sua proteção), de modo que resultasse em um livro, que era chamado de códice. Esse modelo de suporte foi o mais utilizado por muito tempo, segundo Gracia (2016, p. 49), em virtude de sua fácil maleabilidade e excelência, porém com alto custo, gerando a necessidade de um modelo mais barato, de modo que viesse a otimizar o aumento literário na época, surgindo, dessa forma o papel.

Figura 2 - Codex



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Codex_Regius

4.1 A EXPANSÃO DO PAPEL NA EUROPA

O papel surge na China em 105 d.C. através de pesquisas realizadas pelo eunuco Tsai Lun, utilizando restos de seda que, ao bater com outros produtos com fibras vegetais, eram colocados ao Sol para secar, gerando a folha de papel, que consistia do seguinte processo:

[...] juntavam-se as matérias primas (refugos de seda, entrecasca da amoreira e do bambu e restos de produtos feitos com fibras vegetais) num tanque de água e batia-se para separar as fibras. A polpa líquida resultante era colhida numa peneira retangular, deixando-se escorrer a água. Retirada e posta a secar, a película formada pela camada de fibras sobre a peneira resultava na folha de papel. (Campos, 1994, p.76)

Ao trabalhar com o “papel de seda”, nota-se uma queda do valor para o processo de criação, gerando economia aos cofres chineses. Segundo Gracia (2016, p.50), por muitos anos, o papel não foi conhecido por nenhuma civilização, pois os chineses guardavam os segredos de sua fabricação, visando serem os únicos capazes de realizar o processo de fabricação, e conseqüentemente importarem em maior quantidade.

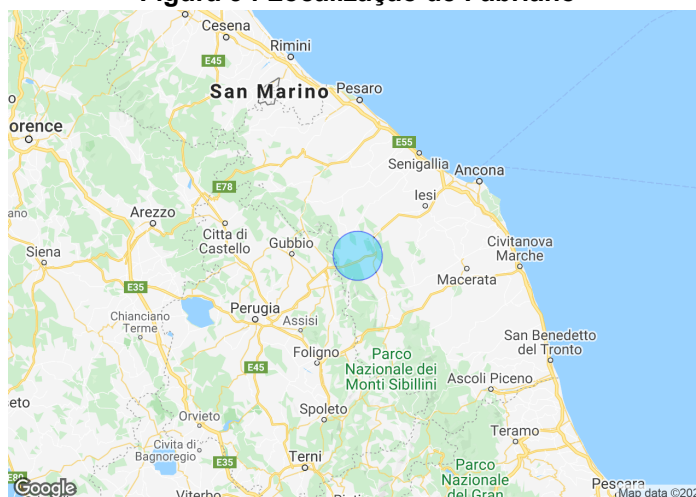
Sua fabricação em massa só ocorreu após o Japão iniciar a fabricação do suporte, no século VI, onde foi expandido a todo o império asiático. Sua chegada em alguns países da Europa, segundo Bacelar (1999, p. 01), deve-se ao fato de o segredo ter sido revelado aos árabes por prisioneiros chineses no século VIII, sendo posteriormente introduzidos na Europa nos séculos XII e XIII.

No século XII, na Itália, o papel surge através de mercadores como uma opção de suporte para a escrita, contudo, segundo Febvre (2000 p.32), o papel não apresentava as mesmas qualidades externas do pergaminho, por conta disso, inicialmente desempenhou papéis mais simples, pois era utilizado apenas em documentos que não tinham a intenção de ser duradouros, como cartas ou rascunhos, pois, por ter uma estrutura mais fina, logicamente, tinha menos firmeza e rasgava-se com facilidade, fazendo com que os escribas viessem a optar pela utilização do pergaminho para assuntos mais importantes. Com efeito, a substituição do pergaminho pelo papel demorou para acontecer de fato, pois ainda

havia uma certa resistência e preconceito com o novo suporte, de modo que, segundo Gracia (2016, p. 57), o resultado da respectiva resistência foi que, em 1231, o Imperador Federico II Hohenstaufen (1194-1250) proibiu o uso do suporte em diplomas e documentos públicos, temendo a durabilidade do papel.

Entretanto, enxergando que o futuro que o papel poderia vir a proporcionar nos meios comerciais, a cidade de Fabriano, na Itália, mantém o funcionamento de seus moinhos papeleiros, de modo que, em 1276, a cidade é considerada, conforme afirma Gracia (2016, p. 57), como um grande centro papeleiro, tornando-se referência na manufatura do objeto.

Figura 3 : Localização de Fabriano



Fonte: <https://www.italymagazine.com/fabriano>

Mesmo assim, o papel foi adquirindo mais espaço nos mercados europeus. Em virtude do alto custo de fabricação do pergaminho, sua procura foi tornando-se menor, de modo que o mercado pôde olhar para outros suplentes. Conforme Bacelar afirma:

“O papel de farrapo foi-se tornando cada vez mais barato e abundante e, simultaneamente, a alfabetização expandia-se. Em parte, os dois processos aceleraram por se estimularem mutuamente. A necessidade de documentação aumentava com o desenvolvimento do comércio, assim como com o aumento da complexidade dos processos de governo e administração política e religiosa. Por seu lado, os processos comerciais mais sofisticados e o número de funcionários necessários para manter em funcionamento as crescentes burocracias políticas, religiosas e comerciais, criaram a necessidade de um sistema

de ensino que produzisse esses mesmos funcionários. Para tal era necessária a existência e disponibilidade de material escrito.” (Bacelar, 1999, p. 02)

Segundo Febvre e Martin (1991, p. 53), diante do crescimento da demanda, os papeleiros vêem-se obrigados a sacrificar a qualidade à quantidade. Dessa forma, inicia-se o uso do papel feito a partir da celulose, que é considerado inferior, mas contém como característica principal sua rápida fabricação para suprir a demanda solicitada. Desse modo, surge na Itália os primeiros centros de fabricação e seus papeleiros e um crescimento exponencial no uso do suporte, de modo que a partir da metade do século XIII o papel começa a substituir o pergaminho em algumas áreas da Europa. Sobre o crescimento do uso do papel, podemos afirmar que:

“Durante a segunda metade do século XIII, já é usado em registros no sul da França (1248, registros de notários marseleses; 1248, registro dos inquisidores do Languedoque; 1243-1248 registro dos inquiridores de Afonso de Poitiers; 1272-1274, registro dos inquiridores reais em Toulousain). No final do século XIII e princípio do século XIV, o papel é de uso comum na Suíça. Na mesma data, é pouco a pouco adoptado no norte da França e, em 1340, os escrivães da Chancelaria real utilizam um registro de papel hoje conservado no Trésor des Chartes. Ao mesmo tempo, o novo material espalha-se pelos países Baixos e norte da Alemanha, numa altura em que, a sul, os mercadores venezianos de há muito o tinham tornado de uso corrente.” (Febvre, 2000, p. 35)

4.2 O MERCADO PAPELEIRO EUROPEU

Com o respectivo aumento no uso do suporte, veio a ocorrer o aumento de mercado papeleiro. Segundo Febvre (2000, p. 35), os mercadores italianos, no século XIII, vendo o crescente aumento desse negócio, começam a mandar vir os primeiros técnicos encarregados dessa fabricação, notando-se em diversos países o surgimento de depósitos italianos contendo papel em seus grandes centros comerciais. Conforme afirma Gracia:

“A transmissão da fabricação de papel foi lenta, chegando à Alemanha (colônia ey Mainz) em 1320,

França em Languedoc por volta de 1300 e Troyes em 1348, Holanda em 1405, Inglaterra por volta de 1490.” (Gracia, 2016, p. 60, tradução nossa)

Entre os séculos XIV e XVII, somos apresentados a uma multiplicação das fábricas papelarias em cidades do interior europeu, descentralizando a fabricação apenas dos grandes centros, pois com a fabricação em larga escala, o aumento de matéria prima tornou-se um empecilho, uma vez que estava a diminuir a matéria prima, restringindo as ações das fábricas. Em paralelo, com o surgimento das fábricas nessas novas regiões, anteriormente ignoradas, aumenta-se o número de matéria prima e conseqüentemente da fabricação. A partir disso, nota-se uma quebra de paradigmas em torno do papel, pois a partir de agora os mesmos são usados na confecção dos principais manuscritos da época.

Com o intuito de otimizar ainda mais a fabricação e diminuir os custos de importação, considerando que a indústria italiana não estava conseguindo suprir toda a demanda exterior de papel, iniciou-se em alguns países europeus, segundo Febvre (2000, p. 42), a transformação de seus moinhos de trigo em moinhos de papel. De todo modo, contava-se apenas com mercadores italianos para a fabricação, empenhados em torná-la bem menos onerosa e permitir que outras áreas populacionais pudessem adquirir o suporte de forma mais acessível e em maior quantidade. Tal exemplifica-nos o autor, universidades francesas, desejosas de ter um papel com menor preço e em grande quantidade para seus alunos, estimulam a instalação de seus próprios moinhos de papel.

5 A CRIAÇÃO DA PRENSA DE CARACTERES MÓVEIS

O século XV na Europa inicia-se com um grande crescimento cultural. Com a expansão do acesso à informação e conhecimento resultantes do Renascimento, nota-se uma necessidade de um aumento da impressão das obras e de alternativas mais baratas e acessíveis. Paralelamente, o papel mantém seu crescimento como uma opção de suporte barato e acessível para a população. Pensando nisso, em meados de 1450, surge a invenção da imprensa de caracteres móveis, atribuída a Johannes Gutenberg.

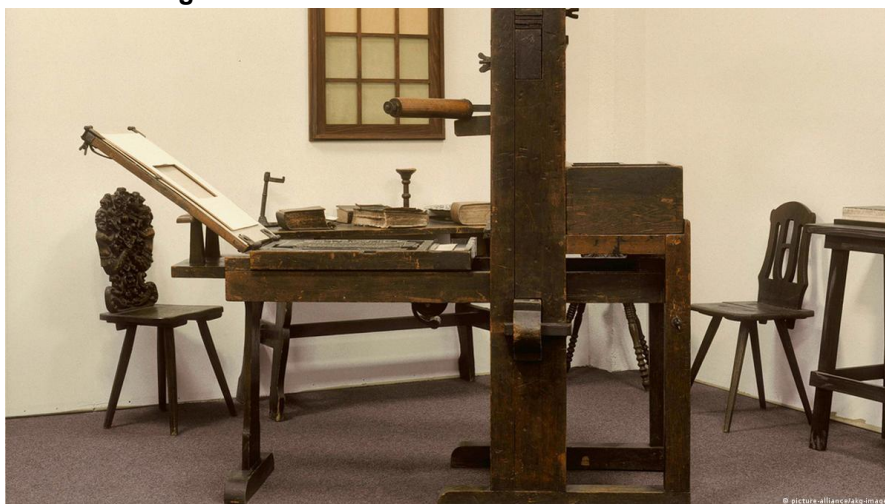
Entretanto, é importante ressaltar que, por muitos anos, foram surgindo debates acerca do real inventor dessa máquina. Stancki (2015, p. 64) afirma que o

inventor alemão não foi o único nem mesmo o primeiro a trabalhar com tecnologias de impressão, uma vez que, muito antes do lançamento da máquina na Europa, já tinham sido encontrados registros acerca do invento na China e, posteriormente a esse, na Coréia. Contudo, alguns autores reforçam que o inventor usou moldes anteriores para alcançar o resultado final. Segundo Bacelar,

“Muito antes de Gutenberg, as inovações chinesas nas tintas, impressão xilográfica e impressão com caracteres móveis de argila, tinham já prestado o seu contributo para a divulgação da palavra impressa. Apesar de ter demorado séculos a chegar à Europa, o seu impacto cultural só aqui se fez efectivamente sentir. O uso desta tecnologia de caracteres móveis na escrita chinesa, que emprega milhares de ideogramas, implicava um esforço e um dispêndio de recursos materiais insuportável. Assim, o seu impacto na eficácia da produção só se viria a verificar no ocidente, pela fácil adequação e adaptação dos 26 caracteres do alfabeto latino a esta tecnologia.” (Bacelar 1999, p.02)

Contudo, no decorrer desse conteúdo, não iremos abordar com detalhes a discussão em torno do real inventor da imprensa, pois o objetivo será apresentar os impactos na Europa que foram resultantes da respectiva invenção, uma vez que a mesma propôs um grande choque cultural na Europa do século XV.

Figura 4 - Prensa de caracteres móveis



Fonte:

www.dw.com/pt-br/museu-gutenberg-reconstr%C3%B3i-hist%C3%B3ria-da-tipografia/a-16747104

5.1 FUNCIONAMENTO DA PRENSA DE CARACTERES MÓVEIS

Inspirado no processo de xilogravura, que era conhecida por impressão tabular e funcionava ao entalhar a madeira e pressionar o papel com uma prensa manual para obter a escrita, o modelo criado substituiu as peças de madeira pelo metal, surgindo dessa forma, segundo Martins (1996), a primeira matriz. Combinando e adaptando máquinas mais antigas, podemos afirmar que a prensa funciona da seguinte maneira:

“A prensa teve o platô de esmagamento elevado até que pudesse ser sobreposto em uma mesa; nesta mesa foi adaptado um trilho no qual corre o cofre (superfície na qual se coloca a matriz tipográfica resistente ao desmanche); este podia ser impulsionado até sob o platô de esmagamento e, uma vez que este platô fosse levantado, o cofre podia ser trazido de volta à posição original. A matriz era composta manualmente, com a colocação correta de cada tipo na seqüência exata até a formação da linha; cada linha era então posta em posição para a formação da página e então todas eram amarradas, entintadas com o auxílio de uma “boneca” (instrumento formado por um cabo no final do qual se fixa uma almofada de formato circular de couro e recheada de paina ou outro tipo de fibra), sobre estas se colocava o papel, sobre ele a “guarda” de tecido acolchoado e madeira (uma placa composta por uma camada de cada material e, na qual, a face de tecido acolchoado era colocada sobre o papel, ela se destinava a duas funções: distribuir por igual a pressão feita sobre o papel no momento da impressão, e evitar que os tipos marcassem em demasia o papel). Todo este conjunto era empurrado para sob o platô de esmagamento que era, então, acionado manualmente e descia até bater sobre a “guarda” de madeira, forçando a transferência da imagem entintada da matriz para o papel (Fernandes, 2001, p. 139-140).

5.2 REFLEXOS DA IMPRENSA NA EUROPA

O resultado alcançado através dessa invenção é um choque cultural na época, pois, segundo Ribeiro (2007), a tecnologia da impressão desencadeou uma revolução nas comunicações, alargando consideravelmente a circulação da informação, alterando os modos de pensar e as interações sociais. Para Febvre e Martin (2000, p. 322), a tipografia tornou os textos mais acessíveis, muito mais que

na cultura escrita permeada pelo pergaminho. Não seriam todos que teriam acesso assegurado à leitura, pois estamos em um período em que o acesso à informação era quase inteiramente exclusivo da classe média e alta. Segundo Santos (2012, p. 11), citando Steven Roger Fischer (2006, p. 206),

Em quase toda a Europa, do século XV ao XVIII, a maioria dos leitores de livros era composta por médicos, nobres, ricos, comerciantes e integrantes do clero, assim como na Idade Média.

Entretanto, com o funcionamento da prensa, somos apresentados a uma expansão dos meios de educação, gerando futuramente uma descentralização do acesso à informação, tornando-a mais democrática e acessível, proporcionando que, pessoas não pertencentes à elite da época tenham a disposição, de forma inédita, uma diversidade de obras e assuntos antes não vivenciados por eles. Além disso, nota-se uma mudança na estrutura da mão de obra do livro manuscrito, onde segundo Eisenstein, realizando uma comparação entre os escribas e a impressão, afirma que

“Durante a era dos escribas, a fabricação de livros havia ocorrido sob os auspícios distintos representados por donos de papelarias e copistas leigos nas cidades universitárias; iluminadores e miniaturistas treinados em ateliês especiais; mestres ourives e artesãos de couro associados a guildas especiais; monges e irmãos leigos reunidos no *scriptoria*; funcionários da realeza e secretários papais ativos em chancelarias e cortes; pregadores que compilaram por conta própria livros de sermões; poetas humanistas que agiam como escribas de si próprios. O advento da imprensa levou à criação de um novo tipo de estrutura de loja; a um reagrupamento que gerou contatos mais estreitos entre trabalhadores diversamente capacitados e incentivou novas formas de trocas interculturais.” (EISENSTEIN, 2006, p. 40)

Em alguns anos, grandes países da Europa adquiriram uma prensa, visando a propagação de suas obras. Segundo Barbier (2008, p. 134), em 1465, em Subiaco, perto de Roma, uma prensa é instalada em um monastério de Santa Escolástica, e com isso somos apresentados ao primeiro livro impresso fora da Alemanha, *De Oratore* (Do orador), de Cícero, com uma tiragem de duzentos e setenta e cinco exemplares, demonstrando a funcionalidade da máquina, pois um livro que antes poderia demorar meses a ser escrito manualmente, agora pode-se propagar em larga escala com um tempo curto. A partir disso, vão surgindo em

diversos pontos de solo italiano novas obras, com diversos exemplares, em decorrência de máquinas instaladas em cidades italianas como Roma (1466) e Veneza (1469), sendo esse último uma referência em torno da impressão, de modo que, segundo Gracia (2016, p. 204), sua produção passou de 4 mil edições, sendo acima de qualquer outra localidade europeia e suas redes comerciais difundiram seus textos por toda a Europa. Além disso, Pettegree afirma que

“Os livros publicados em Veneza chegavam a todos os cantos do mercado europeu, onde se desejavam textos impressos. A julgar pelos livros que hoje sobrevivem nesses países, Veneza dominou o mercado na Espanha, Portugal, Hungria e Polônia.” (PETTEGREE, 2010, p. 289, tradução nossa)

Entretanto, com o declínio do mercado de Veneza e algumas regiões italianas, o autor afirma:

“As dificuldades no mercado veneziano e a interrupção do comércio internacional veneziano ofereceram uma tremenda oportunidade para impressores ambiciosos na França, na Alemanha e nos Países Baixos. Para desenvolver sua participação no mercado internacional, eles primeiro exigiram práticas de negócios robustas o suficiente para sustentar um alto volume de impressão de boa qualidade.” (PETTEGREE, 2010, p. 290-291, tradução nossa)

Com a expansão dos métodos de impressão na Europa, obteve-se como resultado, no período de 1500, segundo Burke (2002, p. 176), a existência de impressoras em mais de 250 centros europeus, tendo elas já produzido cerca de 27 mil edições, ou seja, grande parte da Europa já estava com prensas instaladas em seus respectivos países.

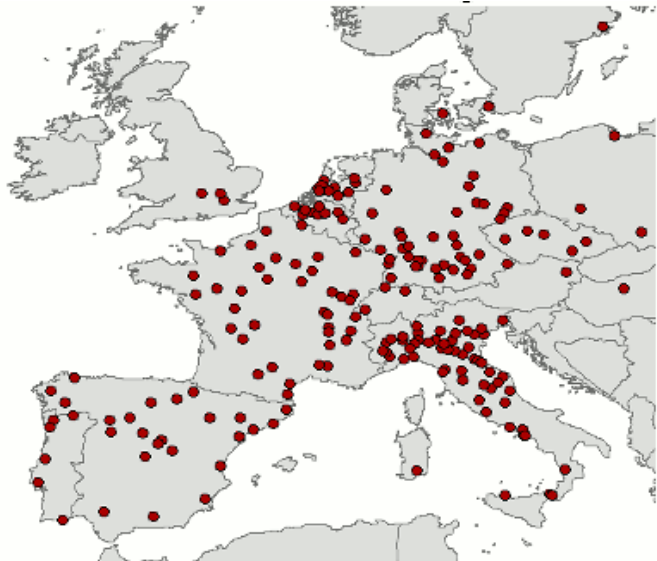
Figura 5: Cidades Europeias com prensas móveis em 1460



Fonte:

economistsview.typepad.com/economistsview/2011/02/the-spread-of-technology-the-printing-press.html

Figura 6: Cidades Europeias com prensas móveis em 1500



Fonte:

economistsview.typepad.com/economistsview/2011/02/the-spread-of-technology-the-printing-press.html

O maior objetivo em torno da criação da imprensa estava em volta do financeiro, do lucro presente, uma vez que, até 1450, a produção literária era feita de forma artesanal, de modo que encarecia e demorava sua fabricação. Contudo, o período presenciado na Europa era de uma quebra de paradigmas e incentivo ao acesso à informação e, por conta disso, algumas áreas da sociedade viriam a temer

que o método se expandisse, de modo que os leigos pudessem vir a gerar um pensamento crítico. Como afirma Ribeiro (2007, p. 34),

“A imprensa moderna criada por Johannes Gutenberg, ao redor de 1450, nunca foi um invento pacífico. A nova arte de imprimir livros provocou temores de toda ordem, pois, para muitos, o livro saído de um prelo, e não da tinta de um monge escriba, tornou-se uma força subversiva, capaz de abalar a fé e de reduzir a autoridade da igreja.”

As maiores preocupações residiam em torno dos fiéis da Igreja, pois, segundo Burke (2002, p. 174), os eclesiásticos temiam que leigos comuns fossem estimulados pela imprensa a estudar textos religiosos por conta própria em vez de acatar os ensinamentos de autoridades, ou seja, residia em meio ao clero o temor da sociedade gerar um pensamento crítico por lerem o que antes só era permitido ao alto escalão da Igreja. Porém, com a inevitável expansão da máquina de Gutenberg, diversas camadas da sociedade da época outrora resistentes à impressão, enxergaram as vantagens em deter tal poder, inclusive o clero. Segundo Bacelar (1999, p. 03), o clero usufruiu do meio para disseminar a influência da Igreja em meio à população através de indulgências impressas, textos teológicos e manuais de instruções para a conduta de inquisições.

Entretanto, o período renascentista foi caracterizado por uma quebra de paradigmas e um novo pensamento crítico, logo, um período de modernidade. Em virtude disso, a atividade dos impressores e copistas não estava voltada apenas para a vontade da Igreja, mas a ações que poderiam ir até mesmo contra a visão defendida pelos religiosos. Como afirma Bacelar (1999, p. 03),

“Cópias impressas das teses de Lutero foram rapidamente divulgadas e distribuídas, desencadeando as discussões que viriam a iniciar a oposição à ideia do papel da Igreja como único guardião da verdade espiritual. Bíblias impressas em linguagens vernáculas, em alternativa ao latim, alimentaram as asserções da Reforma Protestante que questionavam a necessidade da Igreja para interpretar as Escrituras - uma relação com Deus podia ser, pelo menos em teoria, directa e pessoal.”

O âmbito acadêmico e científico também foram impulsionados através da invenção. Com o surgimento de mais livros disponíveis a um custo acessível, tornou-se um facilitador para a propagação de ideias. Segundo Bacelar (1999,

p. 04), o processo estimulou a produção de conhecimento científico, contribuindo para o nascimento de uma comunidade científica que funcionasse sem constrangimentos geográficos, ou seja, presencia-se na Europa uma revolução científica que, através do livro impresso, levaria informação e conhecimento através dos países europeus, descentralizando o conhecimento da Igreja e das principais potências da época.

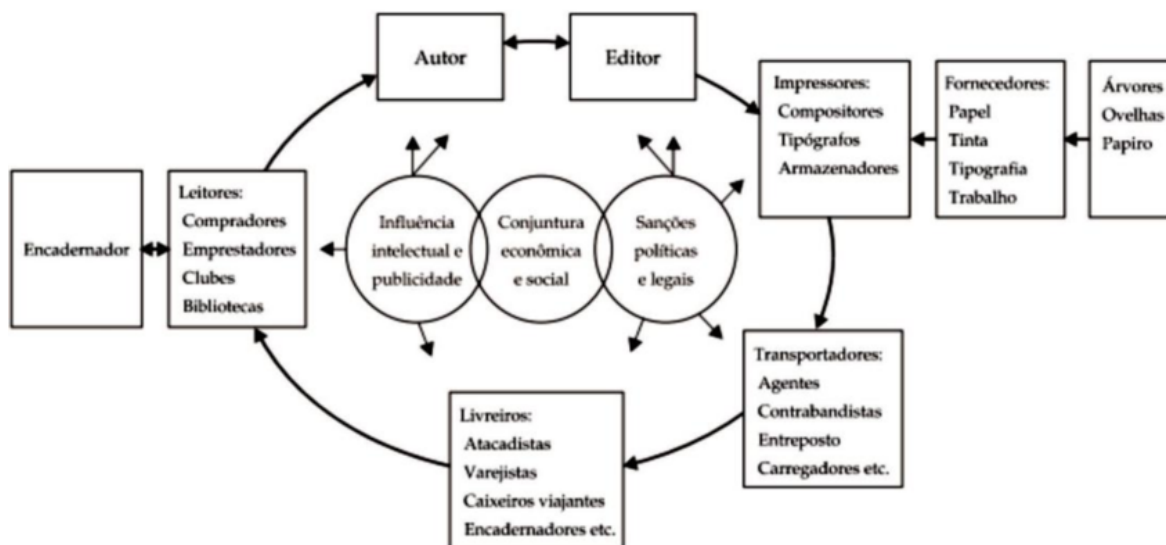
O impacto da impressão do livro também conseguiu ser notado em outras áreas do Renascimento. Sua criação pode acarretar mudanças na literatura, nas artes, na política e na filosofia. Antes em crescimento, com a imprensa, os ideais presentes em cada área citada puderam-se expandir por toda a Europa, em especial para a arte, uma vez que fez com que artistas e suas obras fossem reconhecidos, de modo que tivesse um papel social em suas pinturas, ou seja, um papel de impacto na cultura antes estabelecida através de suas telas.

6 O LIVRO NO PERÍODO RENASCENTISTA

Através do Renascimento, ocorre um aumento significativo de obras literárias na Europa, onde somos apresentados a grandes escritos clássicos. Além disso, essa época foi marcada por um interesse renovado pela filosofia, ciência e humanismo. Foi no decorrer desse período que veio a ocorrer o surgimento de diversas obras literárias que foram e são referências até os dias atuais, como: O Príncipe de Nicolau Maquiavel (1532), sendo esse, inclusive, um marco político no período, conforme citado anteriormente, de modo que foi considerado uma das obras mais relevantes do Renascimento, pois tem o intuito de discutir a política e o governo, e ao apresentar princípios pragmáticos sobre como governantes devem adquirir e manter o poder, gera um novo pensamento crítico acerca do período.

Ao analisarmos o respectivo suporte e suas influências no decorrer do texto, teremos como base organizacional o modelo de circuito de comunicação proposto por Darnton (1982). Elaborado para pesquisa dos livros no século XVIII, Darnton reconhece seu diagrama como modelo adequado para determinado tipo de entendimento da estrutura de produção e circulação dos livros.

Figura 7 - Robert Darnton, o circuito de comunicação, 1982
O circuito de comunicação



Fonte: “O que é a história do livro?” Revisitado 2008, p.164

Ao analisarmos o diagrama, é importante ressaltar que, a negociação entre autores e editores está no mesmo nível e a compreensão de todo o processo produtivo não depende diretamente da intervenção de um agente externo à produção, comercialização e uso dos livros. Através do modelo apresentado pelo autor, é indicado o caminho percorrido pelo livro desde sua fabricação, até seu armazenamento e através do percurso indicado, será realizada a análise do livro no período delimitado.

6.1 OS LIVREIROS E A FABRICAÇÃO DO LIVRO

Ao iniciarmos a primeira parte do ciclo literário, somos apresentados à fabricação do livro e os responsáveis por sua fabricação. A mão de obra responsável por esses trabalhos, desde o livro manuscrito, estavam presentes com os copistas e livreiros. Anteriormente, com o surgimento da impressão, notava-se uma preocupação por esse grupo social, pois segundo Santos (2012, p. 27), os copistas, os “papeleiros” (que vendiam livros manuscritos) e os cantores contadores de histórias profissionais, todos temiam que a imprensa os privaria de seu meio de vida, porém o resultado foi o inverso do esperado. Em cada grande cidade, haviam impressores, fazendo com que diversas pessoas os buscassem para colocar suas obras no mercado, e segundo Pettegree

“Ao longo dos anos, uma gráfica ou editora bem-sucedida pode estabelecer toda uma rede de relacionamentos com outras pessoas no comércio, recebendo ou publicando trabalhos conforme a ocasião exigia.” (PETTEGREE, 2010, p. 309, tradução nossa).

Além disso, acerca do crescimento dos livreiros, o autor também afirma que

“Para qualquer gráfica sempre foi difícil garantir um fluxo uniforme do trabalho. Os tipógrafos relutavam em recusar comissões, mas se a sua loja estivesse ocupada enfrentariam uma enxurrada de queixas de autores, livreiros ou editores interessados em ver os seus próprios livros no mercado.” (PETTEGREE, 2010, p. 309, tradução nossa).

Segundo Barbier (2008, p. 127), o processo de fabricação pode ser dividido em duas operações principais, a composição e a impressão.

O processo de composição é a organização inicial do trabalho, e ocorre através de um trabalho conjunto entre o compositor e o autor do livro. Conforme afirma Barbier,

“O compositor, colocado diante da caixa, reúne os caracteres letra por letra (“levantar a letra”), em seguida linha por linha em um componedor previamente justificado, ou seja, já com o comprimento que se dará à linha de modo que as linhas sucessivas formem um bloco (é a “justificação”). As palavras são separadas por espaços. Como a linha em geral não é cheia (ela não ocupa todo o comprimento da justificação), era preciso calibrar e escorar o conjunto. Em seguida a linha é disposta na galé, até constituir uma página, que é, por sua vez, ligada (o “nó”) e depositada na forma tipográfica - o termo designa o conjunto das páginas de texto reunidas em um caixilho e que servem para imprimir uma folha. Essa operação é chamada de imposição. A disposição das páginas no caixilho é, antes de tudo, determinada pelo formato do livro: a espessura dos cadernos varia em função de seu formato e de sua estrutura” (BARBIER, 2008, p.128)

Importante ressaltar que, o processo de composição sofre variações através da obra que está sendo analisada, pois seus tamanhos e formas variam de acordo com as vontades e ideias do autor, e por conta disso, nota-se, através da afirmação

do autor, o senso de cuidado gerado pelos compositores, de modo que venha a gerar um trabalho conforme a visão original.

Após a etapa inicial e usando os resultados obtidos da composição, inicia-se o processo de impressão. Podemos afirmar, sobre a impressão que,

“O margeador deve colocar tinta na forma, com injetores, depois posicionar a folha virgem sobre o chassi e quebrar o frescor. A apresentação da folha se faz com a maior precisão, para que a parte da frente e a parte de trás se sobreponham perfeitamente (é o “encontro”). O impressor então coloca força sobre o barroto: enquanto se empurra o carrinho (ou enquanto ele avança sob a ação de uma cremalheira), a platina se abaixa ao longo do parafuso. Como a pressão dessa máquina de madeira não é suficiente para imprimir folhas inteiras, torna-se necessário trabalhar com meias-páginas e, portanto, dar dois golpes de barroto por folha”. (BARBIER, 2008, p.128)

Finalizado a impressão, resta apenas a organização do material obtido e a confecção da obra. Inicia-se então, o processo de encadernamento da obra e conferência final.

6.2 MERCADO DE LIVROS NA EUROPA

No decorrer da história, o acesso à informação e a manuscritos eram predominantemente de classes mais altas. Um exemplo dessa afirmação encontra-se com Marques (2004, p. 111), que afirma que o respectivo acesso desses manuscritos, da Antiguidade até o século IV, eram uma atividade essencialmente monástica, enriqueciam as bibliotecas conventuais, preservando os tesouros intelectuais que sobreviveram desde a antiguidade, além de circular em meio às universidades, que eram ambientes restritos da época e que vieram a permanecer dessa forma nos séculos vindouros.

Durante o período do Renascimento e com o advento da imprensa, a Europa encontra-se em um momento de crescimento intelectual e de quebra de paradigmas que antes estavam presentes. Segundo Marques, podemos afirmar:

“Deste modo, o advento da imprensa, associado ao aparecimento do papel na Europa, numa altura em que esta se estava a libertar da opressão da Idade Média, pela mão de alguns iluminados entusiasmados pela nova concepção de entender o homem e a religião, esse ideal renascentista de livre exame, surge num tempo de descoberta da liberdade intelectual que veio a estimular a arte, a literatura e a erudição. Com esse tempo de descoberta, a imprensa vem

proporcionar o “quase” livre acesso a toda uma estrutura cultural que vinha sido passada pela mão dos copistas e apenas acessível aos homens mais instruídos.” (MARQUES, 2004, p. 112)

Mesmo após o crescimento informacional na Europa, por conta do foco principal da impressão que era aumentar o número de obras e conseqüentemente da renda gerada, a grande concentração literária ainda era maior em meio a classes com maior poder aquisitivo, uma vez que os livros ainda tinham um alto custo. Porém, nota-se uma grande concentração dessas obras em núcleos da sociedade como, por exemplo, o religioso (com a Igreja e os reformistas como principais usuários) e o acadêmico (com as universidades e suas respectivas bibliotecas).

6.2.1 O LIVRO NA IGREJA

Conforme citado anteriormente, a impressão com tipos móveis acarretou em um deslocamento nas formas em que enxergavam a leitura, gerando na população um interesse maior no aprendizado e no estudo, muito em virtude do fato da multiplicação de obras presente no mercado, da queda dos preços em torno dos livros, por conta do aumento das tiragens. Segundo Santos,

As pessoas ligadas à Igreja foram as maiores consumidoras do mercado livreiro. Este consumo derivava do fato da Igreja com toda a sua estrutura e serviço litúrgico, constituída durante séculos, necessitar de grande quantidade de material para manter tanto os seus serviços como para prover a edificação dos seus fiéis. Nesse caso, o livro impresso foi o instrumento que lhe serviria para tal propósito. (SANTOS, 2012, p.30)

Com isso, inicia-se um novo posicionamento da Igreja em virtude dos livros, pois se anteriormente contra, agora exerce um papel fundamental, de forma direta e indireta, na propagação das obras literárias. Ao tratarmos como indireto, nota-se, segundo Santos (2012 p. 30), que os impressores procuravam se instalar em cidades onde existiam maior demanda pelos seus serviços, e por conta da grande procura da Igreja em seus serviços, inicia-se uma concentração de impressores e copistas em áreas com maior número de igrejas na Europa. Além disso, Segundo Barbier:

O paradigma religioso organizava o modelo cultural da Idade Média: a nova mídia altera as regras do jogo introduzindo outras relações entre a forma do livro, seus conteúdos e sua recepção, e também entre a Igreja, a vida religiosa da maioria e das autoridades seculares. A tensão foi, obviamente, criada anteriormente e a questão de reformar a Igreja e inventar outro sistema para as relações com Deus coloca-se bem antes do século XVI, porém a imprensa acrescenta-lhe uma dinâmica diferente. (BARBIER, 2008, p. 193)

Durante o Renascimento, a Igreja passa por uma reformulação, uma vez que os ideais humanistas e a reforma luterana estava em alta. Durante esse período, ocorre uma difusão da Bíblia na Europa. As mais famosas, segundo Barbier (2008, p. 193) são a de Mentelin, em 1466, Anton Koberger, em 1483, o Leonês Barthélemy Buyer manda imprimir a primeira edição do Novo testamento em Francês em 1476 e a nova tradução de Martinho Lutero, em 1522. Com isso, o conhecimento antes restrito apenas à Igreja Católica começa a ser acessível em toda a Europa, resultando em discussões acerca da Bíblia e a quebra de paradigmas do povo europeu. Segundo Barbier:

A difusão da Bíblia em edição impressa, tanto em latim, como em língua vernácula, tende a tomar a tradição ortodoxa em duas vertentes: no lado da maioria, a Bíblia é tomada como um livro que se torna mais comum, ao mesmo tempo em que seu texto passa a ser discutido, até mesmo criticado, nos círculos intelectualizados que trabalham com as versões gregas e hebraicas e com a tradição latina. (BARBIER, 2008, p. 195)

6.2.2 O LIVRO NAS UNIVERSIDADES

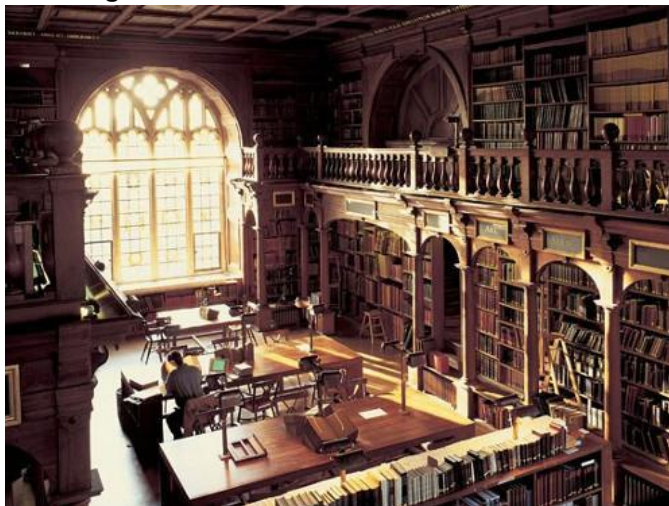
Com a invenção da imprensa, durante o período da primeira modernidade europeia, houve na Europa uma revolução em torno da produção de livros, permitindo como consequência uma disseminação ampla e rápida da informação e do conhecimento, facilitando o acesso às obras por parte dos estudantes e acadêmicos das universidades, ou seja, os livros tornaram-se ferramentas fundamentais para o estudo e a pesquisa, pois agora, o que era restrito apenas a obras escritas manualmente e vendidas em poucas unidades, estava surgindo no mercado em grandes quantidades e com um custo menor, proporcionando uma fonte confiável de informações.

Por conta disso, as universidades se apresentam durante o período do Renascimento como umas principais áreas que vieram a se desenvolver e disseminar conhecimento durante esse período da história. Durante esse período, elas contavam com suas bibliotecas que, com o crescimento na propagação literária na Europa, tornaram-se referências como grandes centros de estudo e pesquisa da época, pois em seus acervos contavam com obras de diversas áreas de pesquisa e conhecimento, como filosofia, teologia, medicina e astronomia. Além disso, os livros passaram a ser utilizados como base na formação de currículos acadêmicos, pois os estudantes agora tinham acesso a textos clássicos e contemporâneos que eram conhecidos por abordar temas centrais de cada disciplina. Segundo Burke (2002, p. 176),

Em 1745 uma das principais bibliotecas européias, a do Vaticano, abrigava apenas 2.500 volumes. No início do século XVII a Bodleian Library de Oxford tinha 8.700 títulos, e a biblioteca imperial de Viena, 10 mil. Em meados do mesmo século a biblioteca de Wolfenbüttel abrigava 28 mil volumes, enquanto a Ambrosiana de Milão tinha 46 mil (sem contar os manuscritos).

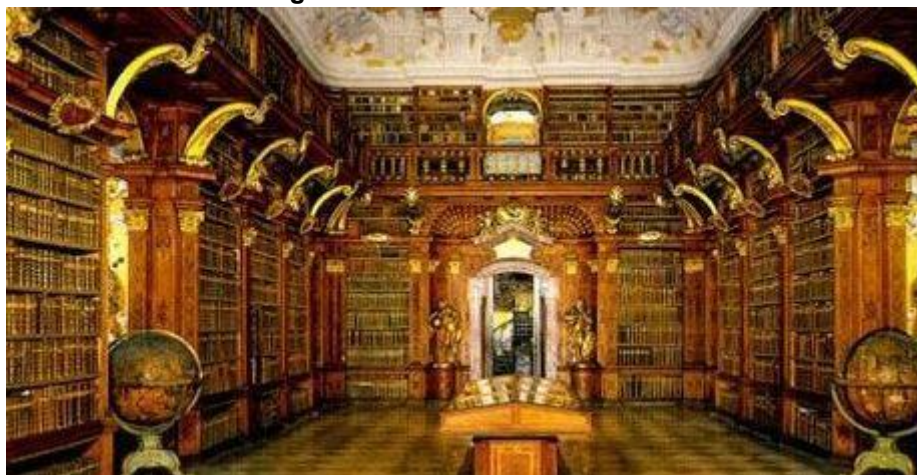
Conforme visto anteriormente, as bibliotecas desse período tornaram-se repositórios valiosos para propagação de informações, passando inclusive a ter reconhecimento. Diversas bibliotecas alçaram algum relevo durante esse período, como a Biblioteca da Universidade de Oxford na Inglaterra, a Biblioteca Vaticana, a Biblioteca da Universidade de Paris e a Biblioteca da Universidade de Coimbra.

Na Universidade de Oxford, na Inglaterra, a Biblioteca Bodleiana, surgida em 1602, marcadamente apresenta vasto acervo de livros e manuscritos como manuscritos medievais, bíblias antigas, tornando-se uma das maiores bibliotecas acadêmicas da época.

Figura 8 - Biblioteca Bodleiana de Oxford

Fonte: [https://museoteca.com/r/es/museum/13/bodleian_libraries/!](https://museoteca.com/r/es/museum/13/bodleian_libraries/)

A Biblioteca Vaticana, fundada pelo Papa Nicolau V, em 1451, na Cidade do Vaticano, ganhou destaque durante o período do Renascimento, sendo uma referência na preservação e na disseminação de conhecimento. Frequentemente visitada por estudiosos, a biblioteca não era conhecida por ser exclusivamente universitária.

Figura 9: Biblioteca do Vaticano

Fonte:

<https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2017/03/conheca-a-biblioteca-que-guarda-os-segredos-do-vaticano.html>

Contudo, a biblioteca tem como característica seu rico acervo, possuindo uma das maiores coleções de livros e manuscritos do mundo, o que inclui obras de diversas disciplinas acadêmicas. Segundo Barbier,

“A coleção é constituída de três conjuntos: de um lado os livros deixados pelos predecessores do Papa. Em seguida, a biblioteca humanista reunida por este último: Nicolau V não mede esforços quando se trata da aquisição de livros que lhe parecem interessantes [...] Enfim, o terceiro grupo de manuscritos compreende as cópias realizadas para o Papa, também frequentemente traduções do grego.” (BARBIER, 2008, p. 172)

Em conclusão, o surgimento da imprensa – e, conseqüentemente, dos livros – veio a desempenhar um papel crucial no meio acadêmico durante o período renascentista, pois proporcionou aos estudantes o devido acesso a conhecimentos e ideias que eram essenciais para seu desenvolvimento acadêmico, fazendo com que as bibliotecas universitárias desse período tornassem-se guardiãs do conhecimento, abrigando coleções valiosas que enriqueceram o ensino e a pesquisa. Através do poder da impressão e da disseminação de livros, a produção e o compartilhamento do conhecimento floresceram, deixando um legado duradouro para as gerações futuras.

7 CONCLUSÃO

A escrita passou por várias transformações ao longo do tempo, mas o livro é uma referência que permanece atual por muitos séculos. Através das palavras e emoções expressas nas obras que por meio dele lemos, adentramos ambientes de profícuo conhecimento, visitamos histórias primorosas ou temos contato com experiências partilhadas pelos autores de forma fidedigna e engrandecedora.

As prensas móveis, inventadas por Johannes Gutenberg no século XV, premiam a Europa com um eficiente meio de propagação de informações e de conhecimento contidos nos livros. Ainda que sua faceta manuscrita detenha em si algum valor, foi de fato com a impressão que o livro mostra sua verdadeira força. Paralelamente, o movimento renascentista toma fôlego e começa a difundir-se no continente europeu, carreando suas contundentes críticas e promovendo a substituição de ideias até então incontestes.

Por conseguinte, a impressão e o Renascimento são temas, a uma, inter-relacionados, a duas, muito caros a pesquisadores. Essencialmente, é um ponto de concordância entre a Biblioteconomia e a História o de que ambos foram fatores decisivos para que a sociedade europeia alcançasse maior acesso à informação, o que acarretou um salto educacional e valorização de classes menos favorecidas economicamente. Ao seu turno, torna-se patente que as mudanças daí hauridas, essencialmente entre os séculos XIV e XVII, geraram significativos impactos que podem ser sentidos até o período atual.

Neste novo panorama de efervescência, o livro em sua versão impressa pode tanto ser considerado um avanço tecnológico, pois, em comparação com o manuscrito, é fabricado em menos tempo e com menor custo; como pode ser justamente o elemento carreador dos mais importantes ideais humanistas. Mesmo tendo sido engendrado com o intuito primeiro de aumentar o lucro com a produção literária e tenha encontrado importante resistência em alguns nichos sociais, foi com a expansão dessas obras que novos planisférios de ideias nas searas econômicas, sociais, religiosas, culturais puderam ser difundidas.

Ainda nesse sentido, muito deve-se à imprensa quanto ao implemento educacional europeu, sendo ela mesma marco de atendimento da agenda reformista quanto às suas aspirações para a área da educação, o que se depreende do novo contexto de incentivo à leitura com seu consequente, o acesso à

informação e ao conhecimento. Destarte, o que outrora esteve limitado ao clero e à aristocracia, passa a ser franqueado a outros níveis da estrutura social. O que, de modo notável, trouxe um impacto significativo no nível de consciência da população europeia.

Ao passo que a agenda reformista e os objetivos da educação alçam sucesso quanto ao seu atendimento nesse momento histórico de crescimento intelectual e de quebra de paradigmas, soergue-se a valorização de profissões como livreiros e copistas, bem como de instituições como as universidades. Essas, por sua vez, apresentam-se durante o período do Renascimento como um dos locais mais profícuos como centros de estudo e com maior disseminação de conhecimento, dado seus acervos com obras das mais diversas áreas do conhecimento.

Portanto, o livro, em especial, em sua versão impressa, surge neste período não apenas como um implemento a margens de lucro, notadamente cumprindo a relevante função de anteparo à propagação de conhecimento e cultura, bem como a de ser verdadeiramente instrumento de transformação social.

8 BIBLIOGRAFIA

BACELAR, Jorge. **Apontamentos sobre a história e desenvolvimento da impressão.** Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 1-6, 1999.

BARBIER, Frédéric. **História das Bibliotecas: De Alexandria às bibliotecas virtuais.** 1ª edição. São Paulo: Edusp, 21 janeiro de 2019.

BARRETO, Luís Filipe. **Descobrimientos e Renascimento: Formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI.** Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

BIGNOTTO, Newton. **Maquiavel.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2003.

BROTTON, Jerry. **The Renaissance: A very short introduction.** Oxford University Press, USA. 2006.

BURKE, P. **Problemas causados por Gutenberg: A explosão da informação nos primórdios da Europa moderna.** Estudos Avançados, v.16, n. 44, p.173-185, jan./abr. 2002.

BURKE, Peter. **A Cultura do Renascimento na Itália: Uma enciclopédia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BYINGTON, Elisa. **O projeto do renascimento.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2009.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia do Renascimento.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DAMIÃO, Abraão Pustrelo. **O Renascimento e as ordens da ciência moderna: Interfaces históricas e epistemológicas.** História da Ciência e Ensino, Vol. 17, p. 22-49. 2018.

EISENSTEIN, E. L. **A Revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna.** São Paulo, Editora Ática. 2006.

FEBVRE, Lucien. MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do Livro.** Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2000.

FERNANDES, A. **Notas sobre a evolução gráfica do livro.** Comum. Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 126-148, jul./dez. 2001.

GRACIA, Manuel José Pedraza; GÓMEZ, Fermín de los Reyes. **Atlas Histórico del Libro y las Bibliotecas.** Madrid, Editorial Síntesis. 2016.

GODINHO, Rosemary de Sampaio. **Renascimento: Uma nova concepção de mundo através de um novo olhar para a natureza.** Revista de Informação, v.13, n.1 fev. 2012.

MARQUES, Jordino Assis dos Santos. **Humanismo renascentista e subjetividade.** Philósofos, Goiânia, v. 4, n. 2, p. 135-150, jul./dez. 2004.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: História do livro, da imprensa e da biblioteca.** 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.

NUNES, M. S. C., & Carvalho, K. de .. (2016). **As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: A caminho do desenvolvimento durável.** *Perspectivas em Ciência da Informação*, 21(Perspect. ciênc. inf., 2016 21(1)).

PETTEGREE, Andrew. **The Book in the Renaissance.** New Haven, CT: Yale University Press. 2010.

RECLUS, Elisée. **O renascimento.** *GEOgraphia* 1.2 (1999): 109-135.

RIBEIRO, G. M.; CHAGAS, R. L.; PINTO, S. L. **O renascimento cultural a partir da imprensa: O livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV.** *Akropolis, Umuarama*, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan./jun. 2007.

SANCHES, Tatiana. **Bibliotecas universitárias na modernidade: Contributo para a compreensão de uma identidade educativa.** In: Mogarro, M.J. & Cunha, M.T.S. (orgs.) (2012). *Rituais, Espaços & Patrimónios Escolares.* IX Congresso Luso Brasileiro de História da Educação (Atas). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. ISBN 978-989-96999-6-0.

SANTOS, Eliezer Lírio dos. **O impacto da Reforma Protestante na disseminação do livro impresso.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

SANTOS, J. M. **O processo evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento.** *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 175–189, 2013.

SOUSA, Maria de Fátima da Conceição. **A biblioteca e o bibliotecário na era antiga, na idade média e na atualidade.** 2017. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

STANCKI, Rodolfo. **Gutenberg inventou a imprensa? Uma desconstrução do determinismo tecnológico da impressora de tipos móveis.** *Cadernos da Escola de Comunicação*, v. 1, n. 13, 2015.

VILELA, Francy José Ferreira. **O liberalismo político de John Locke.** Acesso em, v. 8, 2016.

WEYNE, Bruno Cunha. **A contribuição do humanismo renascentista para a construção da ideia de dignidade humana.** *Revista de Estudos de Religião/PLURA, Journal for the Study of Religion*, v. 4, n. 1, p. 213-225. 2013.